

— QUEM SÃO —
AQUELES
— QUE PERDEM A —
SALVAÇÃO?

Os textos que “provam”
a perda da Salvação são os
que afirmam o contrário.



revista cristã
última chamada

CÉSAR
FRANCISCO RAYMUNDO

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

Quem são
Aqueles
que Perdem a
Salvação?

Os textos que “provam”
a perda da Salvação são
os que afirmam o contrário.

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Quem são Aqueles que Perdem a Salvação?

Os textos que "provam" a perda da Salvação são os que afirmam o contrário.

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da IA)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Maio de 2026

Índice

Sobre o autor	08
Introdução	09
A Verdadeira Perda da Salvação	10
Capítulo 1	
"O cão voltou ao seu vômito... A porca lavada voltou a revolver-se na lama".	12
Capítulo 2	
"Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus..."	16
Capítulo 3	
"...mas aquele que perseverar até o fim será salvo"	19
Capítulo 4	
"Voltarei para a casa de onde saí"	23
Capítulo 5	
"...e caíram, é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento"	26
As expressões de Hebreus 6:4-5	27
"Pois a terra que absorve a chuva..."	29
O autor de Hebreus se volta para seus leitores	31
Capítulo 6	
"Se continuarmos a pecar deliberadamente..."	32

Capítulo 7

“...a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” 37

Capítulo 8

Para que tantos textos com exortações, se a salvação não se perde? 40

Conclusão

O foco não é a perda da salvação, mas a certeza da salvação hoje 42

Obras importantes para pesquisa... 44

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da **Escatologia Concreta**, visando à busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o **Conceito de História Interrompida** que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "**História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo**".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da Fé Cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil**.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

- Introdução -

Por volta do ano de 1995 — se a minha memória estiver correta — entendi de uma vez por todas que um cristão não pode perder a salvação. Sendo um cristão verdadeiro, nascido de novo e regenerado pelo Espírito Santo de Deus, uma vez salvo, salvo para sempre.

Nessa condição, o cristão poderá até pecar ou eventualmente passar por um desvio temporário, mas é certo e garantido que Deus o disciplinará, corrigirá ou, se necessário, o açoitará — algo que pode ser relacionado ao que está em Primeira Epístola aos Coríntios 5:5, que diz:

“Seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus”.

O açoite seria o último recurso da disciplina de Deus, no qual o corpo poderia ser acometido por alguma doença ou até mesmo por uma morte prematura.

Foi somente em novembro de 1998 que lancei o livreto de 22 páginas, intitulado “Salvação não se Perde... É Eterna!!!”, que posteriormente ganhou cinco edições ampliadas, chegando a 480 páginas.

Desde o primeiro livro sobre o tema, venho seguindo a linha tradicional das obras que tratam da segurança eterna da salvação: primeiro apresentando os textos que comprovam essa segurança e, depois, aqueles que parecem argumentar o contrário. No entanto,

neste e-book decidi fazer o inverso, ou seja, analisar apenas os textos que parecem indicar que um cristão pode perder a salvação e relacioná-los com aqueles textos que indicam o contrário, pois creio que eles são os mais eficazes para demonstrar que a salvação não se perde. Esses textos revelam a verdadeira natureza daqueles que, supostamente, teriam perdido a salvação.

Creio que essas passagens, que aparentemente “provam” que a salvação pode ser perdida, enriquecerão o leitor de tal forma que ele não terá mais dúvidas sobre o tema.

A Verdadeira Perda da Salvação

O ensino clássico sobre a perda da salvação mostra que não se trata de algo simples ou automático. Ao longo do tempo, esse ensino foi sendo diluído, a ponto de muitas pessoas acreditarem que a salvação pode ser perdida por qualquer pecado e que, se alguém estiver em pecado no momento exato da volta de Jesus, não será arrebatado.

No entanto, a “plena e poderosa salvação”, conforme descrita em Lucas 1:69, tornou-se, nesse entendimento popular, algo frágil e instável.

Na sua formulação clássica, porém, o ensino sobre a perda da salvação não afirma que ela pode ser perdida por qualquer pecado, mas apenas por meio da apostasia — isto é, a renúncia ou abandono consciente e definitivo da fé em Cristo. Esse processo não ocorre de forma repentina, mas envolve um endurecimento progressivo do coração, marcado por sucessivos pecados, resistência à correção, à disciplina e à repreensão de Deus, até que, ao final, a condição espiritual se torne irreversível.

Esse princípio se assemelha à advertência de Provérbios 29:1:

“Quem insiste no erro depois de muita repreensão será destruído, sem aviso e irremediavelmente”.

Observa-se, portanto, que mesmo dentro dessa perspectiva, não é fácil perder a salvação. O problema surge quando esse ensino é simplificado ou distorcido, levando muitos a crer que qualquer falha moral pode resultar na perda da salvação.

Contudo, se a apostasia é entendida como o único ato que leva à perda da salvação, então os demais pecados funcionariam como estágios que contribuem para o esfriamento espiritual e, por fim, para esse afastamento definitivo da fé.

Como será discutido adiante, há ainda a posição de que nem mesmo a apostasia seria possível para um verdadeiro cristão. Pois, se alguém que está em Cristo pudesse ser condenado por pecados já perdoados, isso implicaria que a penalidade foi aplicada duas vezes pelo mesmo erro: primeiro sobre Jesus Cristo, que entregou sua vida por esses pecados, e depois sobre o próprio crente. Tal conclusão levaria a um dilema insolúvel — ou o sacrifício de Cristo não é plenamente suficiente, ou Deus não é perfeitamente justo. No entanto, nenhuma dessas alternativas se sustenta. O sacrifício de Jesus Cristo é totalmente eficaz, e a justiça de Deus é perfeita.

- 1 -

“O cão voltou ao seu vômito... A porca lavada voltou a revolver-se na lama”. –

“Se, tendo escapado das contaminações do mundo por meio do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, encontram-se novamente nelas enredados e por elas dominados, estão em pior estado do que no princípio.

Teria sido melhor que não tivessem conhecido o caminho da justiça, do que, depois de o terem conhecido, voltarem as costas para o santo mandamento que lhes foi transmitido.

Confirma-se neles que é verdadeiro o provérbio: “O cão voltou ao seu vômito” e ainda: “A porca lavada voltou a revolver-se na lama”.

- 2ª Pedro 2:20-22

Sobre os crentes mencionados no texto acima, podemos observar os seguintes pontos:

1. Escaparam “das contaminações do mundo por meio do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”;
2. Foram novamente enredados e dominados pelas contaminações do mundo;

3. Conheceram o caminho da justiça;
4. Voltaram às costas para esse caminho;
5. Sobre eles é aplicado o provérbio: o cão que volta ao seu próprio vômito e a porca lavada que volta a revolver-se na lama.

Antes de concluir se esses “crentes” eram verdadeiros ou não, é necessário ler 2ª Pedro 2, desde o primeiro versículo.

O capítulo inteiro da Segunda Epístola de Pedro 2 trata principalmente dos falsos mestres dentro da Igreja. O diagnóstico inicial é que essas pessoas que abandonam o caminho reto são indivíduos que se infiltram no meio do povo cristão, ensinando doutrinas falsas, distorcendo a verdade e explorando os fiéis por interesse próprio. Eles vivem em imoralidade e, na prática, negam o Senhor que os resgatou. Com base nesse primeiro diagnóstico, é possível afirmar que o texto descreve pessoas que aparentam pertencimento ao povo de Deus, mas que, segundo o próprio contexto do capítulo, revelam sua falsidade pelo abandono deliberado da verdade.

No entanto, alguém poderia argumentar que, em 2ª Pedro 2:1, esses supostos crentes teriam renegado “o Soberano Senhor que os resgatou” e, portanto, seriam salvos. O fato de terem sido “resgatados” pelo Senhor pode ser entendido de forma semelhante ao que encontramos em 1ª Timóteo 4:10, onde se afirma que Jesus é o Salvador de todos os homens, embora nem todos sejam salvos. O texto diz: “Deus vivo, o Salvador de todos os homens, especialmente dos que creem”. Ou seja, Ele é o Salvador de todos, mas a salvação se aplica de maneira especial àqueles que têm fé. O Senhor é aquele que “resgatou” a todos, mas de maneira especial isso se aplica aos que

têm fé. Isso é semelhante ao que aconteceu aos israelitas quando saíram do Egito. Na carta de Judas 1:5 diz que “o Senhor, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram”. Aquele povo foi resgatado da escravidão de Faraó no Egito, mas não creram para chegar até Canaã.

Outro argumento que poderia ser apresentado em favor da conversão desses crentes apostatados encontra-se no versículo 20, onde se afirma que eles haviam “escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2ª Pedro 2:20). É sempre bom ter em mente o currículo desses supostos crentes descrito na carta de Pedro, os quais são chamados de “falsos mestres” que se introduziriam na Igreja da qual Pedro endereça a carta. O fato de “escaparem” das corrupções do mundo não indica conversão, arrependimento genuíno ou novo nascimento. A palavra grega ἀποφεύγω (*apopheúgō*) usada em 2ª Pedro 2:20 é bastante significativa para a interpretação do texto. Essa palavra significa “escapar completamente” no sentido básico, “fugir para fora”, “livrar-se de algo”.

No contexto de 2ª Pedro 2:20, quando se afirma que eles “escaparam das contaminações do mundo”, o próprio texto deixa claro que esse “escape” não foi definitivo. O versículo prossegue dizendo que eles novamente se deixam enredar e acabam sendo vencidos, o que demonstra que o verbo “escapar” não implica, necessariamente, uma transformação irreversível.

Esses falsos crentes, embora tenham escapado temporariamente das corrupções do mundo, foram vencidos porque não eram “mais que vencedores” em Cristo (Romanos 8:37). É lógico que alguém só pode ser chamado de vencedor após vencer; contudo, de forma antecipada, Deus já chama os seus verdadeiros filhos de “mais que vencedores”. Essa expressão aponta para uma vitória garantida, como

confirma: “tudo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1 João 5:4).

Dessa forma, fica evidente que esses indivíduos possuíam apenas uma fé superficial em Cristo. Se fossem verdadeiramente regenerados, não poderiam ser novamente vencidos.

A identidade desses crentes descritos por Pedro torna-se ainda mais clara no versículo 22, onde se diz: “confirma-se neles o que é verdadeiro segundo o provérbio: ‘O cão voltou ao seu próprio vômito’ e ainda: ‘A porca lavada voltou a revolver-se na lama’”. A expressão “porca lavada” indica uma limpeza exterior (batismo?), sem qualquer transformação da natureza interior. O mesmo ocorre com o cão, cuja natureza não foi alterada, pois retorna ao que lhe é próprio.

Portanto, 2ª Pedro 2:20-22 mostra que a apostasia descrita por Pedro ocorre em falsos crentes, que nunca tiveram sua natureza verdadeiramente transformada — permanecendo, em essência, como “porcos” e “cães”.

- 2 -

"Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus..."

"Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.

Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?'

Então eu lhes direi claramente: 'Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!'"

- Mateus 7:21-23

Seguindo o raciocínio do capítulo anterior, vemos novamente um texto que trata de falsos crentes. As palavras de Jesus já começam revelando a identidade deles ao afirmar que não basta chamá-lo de "Senhor, Senhor". Tem que fazer a vontade de Deus, algo que eles não fazem. Além disso, profetizar ou realizar grandes maravilhas em nome de Jesus nunca foi, por si só, evidência de favor Divino.

O versículo 21 mostra que esses "crentes milagreiros" não são verdadeiros discípulos. Logo antes, o próprio Senhor adverte:

“Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores”.

- Mateus 7:15

Assim como na carta de Pedro analisada no capítulo anterior, esses falsos profetas possuem apenas uma aparência exterior de piedade. São lobos vestidos de ovelhas — tal como a porca lavada e o cão mencionados por Pedro —, sem qualquer transformação interior.

Contudo, é o versículo 23 de Mateus 7 que revela de forma avassaladora a verdadeira identidade desses supostos crentes, quando Jesus declara:

“Então eu lhes direi claramente: ‘Nunca os conheci. Afastem-se de mim, vocês que praticam o mal!’”

A identidade desses apóstatas é revelada na frase “afastem-se de mim, vocês que praticam o mal!”. A esse respeito o apóstolo João acrescenta em sua carta:

“Filhinhos, não deixem que ninguém os engane. Aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo.

Aquele que pratica o pecado é do diabo, porque o diabo vem pecando desde o princípio. Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do diabo.

Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode estar no pecado, porque é nascido de Deus.

Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do diabo: quem não pratica a justiça não procede de Deus; e também quem não ama seu irmão”.

- 1ª João 3:7-10

A frase “nunca os conheci” é fundamental para a identificação desses falsos crentes. O fato de o Senhor afirmar que “nunca” os conheceu está em contraste direto com o que a Escritura ensina sobre

os verdadeiros filhos de Deus. Estes são conhecidos por Ele desde a eternidade, como está escrito em Romanos 8:29.

A respeito dos seus, o Senhor declara:

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu as conheço”.

- João 10:27

“Todavia, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus”.

- 2ª Timóteo 2:19

Além disso, na cena do Juízo Final, há uma separação clara e definitiva:

“Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo’”.

- Mateus 25:34

“Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos’”.

- Mateus 25:41

Note-se, portanto, a força da expressão: “Nunca vos conheci”. Essas palavras demonstram que tais pessoas jamais foram, em momento algum, verdadeiros crentes.

Ao mesmo tempo em que falsos crentes, mestres e profetas se infiltram no meio do povo de Deus, a Escritura também revela claramente a razão de sua apostasia:

“Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, **se fossem de nós, teriam permanecido conosco**; mas isso aconteceu **para que se manifestasse que nem todos são de nós**”.

1ª João 2:19 – o grifo é meu.

- 3 -

“...mas aquele que perseverar até o fim será salvo”.

“...mas aquele que perseverar até o fim será salvo”.

- Mateus 24:13

Antes de explicar esse texto, é essencial compreender um ponto fundamental: ninguém é salvo da condenação por meio da obra de perseverar até o fim. A salvação é um dom da graça de Deus, recebido mediante a fé, independentemente de obras (Efésios 2:8-9).

Mas surge a pergunta: e quanto à perseverança? Poderia alguém ser verdadeiramente salvo sem perseverar? Certamente não. Pois como alguém poderia afirmar que é salvo, abandonar o caminho da verdade e, ainda assim, esperar entrar no Céu sem ter permanecido fiel?

Antes de tratar diretamente da perseverança, é necessário entender o contexto de Mateus 24:13. Esse versículo não se refere ao fim do mundo, mas aos acontecimentos ligados à Grande Tribulação que culminaram na destruição de Jerusalém. A Igreja primitiva enfrentou um período de extrema angústia nos anos que antecederam esse evento, especialmente entre os anos 66 e 70 d.C. Foi um tempo marcado por sofrimento intenso e perseguições, tanto por parte de

líderes judeus quanto do poder romano, personificado na figura de Nero (a besta).

Aqueles que suportassem esse cenário difícil — em que o amor de muitos se esfriaria — preservariam suas próprias vidas ao obedecer às instruções de Cristo e fugir da iminente destruição de Jerusalém. Contudo, sob uma perspectiva mais ampla e espiritual, o princípio também se aplica à salvação final: o cristão que persevera demonstra sua fé genuína e, permanecendo firme até o fim, receberá a vida eterna.

Uma vez esclarecido o contexto de Mateus 24:13, podemos abordar a questão da perseverança com mais precisão. Permanecer fiel até o fim não é uma conquista humana independente, mas algo que já está incluído na própria graça da salvação.

O autor de Hebreus reforça essa verdade ao afirmar:

“Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se de fato guardarmos firme até ao fim a confiança que desde o princípio tivemos”.

— Hebreus 3:14

Guardar firme a confiança até o fim não é a causa de nos tornarmos participantes de Cristo, mas a evidência de que, desde o início, realmente participamos dEle.

Outro texto confirma essa mesma ideia:

“Cristo, porém, como Filho, sobre a sua casa; a qual casa somos nós, se guardamos até ao fim a ousadia e a exultação da esperança”.

— Hebreus 3:6

Quem é a casa de Cristo? Somos nós. Mas sob qual condição? Se permanecermos firmes até o fim, mantendo a ousadia e a esperança.

Isso não significa que nossa perseverança nos torna parte da casa de Cristo; ao contrário, ela revela que verdadeiramente pertencemos a Ele.

Portanto, se alguém não persevera, isso demonstra que nunca fez Cristo nele (casa). Pois aqueles que são de Cristo permanecem firmes até o fim.

Um dos textos mais impactantes sobre essa perseverança dos santos encontra-se em Jeremias 32:38-40:

“Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.

Darei a eles um só coração e um só caminho, **para que me temam todos os dias**, para o seu bem e o bem de seus filhos.

Farei com eles uma aliança eterna: jamais deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, **para que nunca se apartem de mim**”.

O grifo é meu.

Outras traduções reforçam ainda mais a força dessa promessa:

“...e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim”. (Almeida Revista e Atualizada)

“farei com que me respeitem com sinceridade para que nunca se afastem de mim.” (Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

O propósito do temor do Senhor no coração do crente é claro: garantir que ele jamais se afaste de Deus. Não se trata de um temor passageiro ou instável, mas de algo permanente, pois:

“O temor do Senhor é puro e permanece para sempre”.

— Salmos 19:9

Diante disso, torna-se evidente que a perseverança não depende, em última instância, da fragilidade humana, mas da ação soberana de

Deus. Ele transforma o coração de tal maneira que o temor do Senhor se torna uma realidade constante, operando eficazmente para a salvação.

A perseverança, portanto, não é apenas uma exigência — é uma promessa garantida pelo próprio Deus. Poderíamos encerrar aqui a discussão, tamanha é a clareza dessa verdade. Ainda assim, vale a pena prosseguir e aprofundar essa doutrina tão fundamental.

- 4 -

‘Voltarei para a casa de onde saí’

“Quando um espírito imundo sai de um homem, passa por lugares áridos procurando descanso e não encontra, e diz: ‘Voltarei para a casa de onde saí’. Chegando, encontra a casa desocupada, varrida e em ordem.

Então vai e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele, e entrando passam a viver ali. E o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim acontecerá a esta geração perversa”.

- Mateus 12:43-45

Entende-se que a “casa” é uma referência à pessoa, o lugar onde algo habita. No caso em questão, parece tratar-se de alguém que foi liberto — como em um exorcismo —, mas que não cuidou de sua condição espiritual, permanecendo “desocupada, varrida e em ordem”. Assim, ao invés de ser preenchida, torna-se vulnerável: as tentações retornam com mais força, e o estado final dessa pessoa se torna pior do que o inicial.

Entretanto, há um problema com essa interpretação quando aplicada diretamente a um indivíduo que teria perdido a salvação. O

próprio Jesus amplia o alcance da aplicação ao afirmar: “assim acontecerá a esta geração perversa”. Essa declaração, juntamente com todo o contexto, indica que Ele não estava falando primariamente de um caso individual, mas da geração de seus dias — especialmente do povo de Israel, que rejeitou o Messias prometido. Como consequência, aquela geração enfrentaria juízos severos, o que de fato se cumpriu na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Ainda que alguém insista em interpretar o texto como referência à perda da salvação individual, é necessário considerar outro ponto: quando uma pessoa verdadeiramente recebe a Cristo, ela é imediatamente resgatada dessa “geração perversa”. O livro de Atos registra a exortação apostólica:

“Salvai-vos desta geração perversa”.

— Atos 2:40

Os filhos de Israel incrédulos eram identificados como essa geração perversa, mas aqueles que se converteram no dia de Pentecostes foram chamados a se separar dela, sendo salvos não apenas do juízo iminente, mas também de sua condição espiritual.

Além disso, é importante lembrar que nenhum filho de Deus é descrito nas Escrituras como pertencente a uma geração perversa. Pelo contrário, os salvos recebem uma identidade completamente diferente:

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus...”.

— 1ª Pedro 2:9

Portanto, a distinção é clara: ou alguém permanece na geração perversa, ou faz parte do povo de Deus. Não há uma transição de volta. A verdadeira conversão implica uma mudança definitiva de

identidade — e essa nova identidade é acompanhada pela preservação Divina.

- 5 -

“...e caíram, é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento”

“Ora para aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, tornaram-se participantes do Espírito Santo, ⁵ experimentaram a bondade da palavra de Deus e os poderes da era que há de vir, e caíram, é impossível que sejam reconduzidos ao arrependimento; pois para si mesmos estão crucificando de novo o Filho de Deus, sujeitando-o à desonra pública”.

- Hebreus 6:4-6

Esse texto de Hebreus é frequentemente visto como um “prato cheio” para os que defendem a perda da salvação. À primeira vista, parece descrever pessoas que foram verdadeiramente cristãs — que experimentaram as bênçãos da salvação — e, ainda assim, acabaram apostatando de forma irreversível, sem possibilidade de arrependimento.

Contudo, é preciso ir além dessa impressão inicial. É perfeitamente possível que alguém passe por todas as experiências mencionadas no texto sem ter, de fato, se convertido genuinamente. O autor de Hebreus é cuidadoso em sua linguagem: ele não utiliza termos típicos

de uma experiência salvífica plena, como regeneração, novo nascimento ou justificação.

Em vez disso, ele descreve vivências que podem ser compartilhadas por qualquer pessoa que tenha contato próximo com o Evangelho — alguém que participa do ambiente cristão, que prova das realidades espirituais e até presencia a atuação de Deus, mas sem necessariamente ter sido transformado interiormente.

Assim, o texto não exige que concluamos que houve perda de salvação, mas sim nos alerta sobre a seriedade de se estar exposto à verdade sem, contudo, abraçá-la de modo verdadeiro e definitivo.

Assim como acontece com outros textos bíblicos que, à primeira vista, parecem se opor à doutrina da segurança eterna da salvação, Hebreus 6:4-6 e os versículos seguintes, quando examinados com mais atenção, revelam exatamente o oposto. O que inicialmente soa como uma afirmação da perda da salvação, na verdade, ao ser compreendido dentro do seu contexto e da linha de raciocínio do autor, torna-se uma forte evidência de que a salvação verdadeira não pode ser perdida.

As expressões de Hebreus 6:4-5

Essas expressões de Hebreus 6:4-5, quando analisadas com cuidado, não exigem necessariamente uma experiência de conversão genuína, mas podem descrever alguém profundamente exposto às realidades espirituais sem ter sido regenerado. Quando o texto afirma que alguns “uma vez foram iluminados”, isso pode ser entendido como o recebimento de luz quanto à verdade do Evangelho, um esclarecimento real, porém não salvador. A própria Escritura mostra que a luz pode alcançar pessoas que, ainda assim, a rejeitam, como

está escrito: “A verdadeira luz, que ilumina a todo homem, estava vindo ao mundo” (João 1:9), e mesmo assim muitos não a receberam.

Da mesma forma, aqueles que “provaram o dom celestial” tiveram uma experiência com a graça de Deus, mas o verbo “provar” não implica participação plena e definitiva. Alguém pode experimentar algo real sem, contudo, se apropriar disso de modo salvador. Judas Iscariotes é um exemplo claro: viveu com Cristo, presenciou milagres, ouviu seus ensinamentos e participou da missão apostólica (Mateus 10:1-4), mas nunca foi verdadeiramente salvo, sendo chamado de “filho da perdição”, “diabo” e de “ladrão” desde o princípio (João 6:70; 12:6; 17:12).

Quando o autor diz que se “tornaram participantes do Espírito Santo”, isso também não exige, necessariamente, habitação permanente do Espírito. A palavra pode indicar associação ou envolvimento com a atuação do Espírito no meio do povo de Deus. Jesus mesmo afirmou que muitos profetizariam, expulsariam demônios e fariam milagres em seu nome, mas ainda assim ouviriam: “Nunca vos conheci” (Mateus 7:22-23). Um exemplo semelhante é o rei Saul, que recebeu o Espírito de Deus e chegou a profetizar (1º Samuel 10:10), mas não permaneceu fiel ao Senhor.

Além disso, o texto afirma que essas pessoas “experimentaram a bondade da palavra de Deus”. Isso pode ser comparado àqueles que recebem a Palavra com alegria, reconhecem sua beleza e poder, mas não têm raiz em si mesmos. Jesus descreveu esse tipo de pessoa na parábola do semeador, dizendo que ela “recebe a palavra com alegria, mas não tem raiz” e, diante das dificuldades, acaba se desviando (Mateus 13:20-21).

Por fim, ao mencionar “os poderes da era que há de vir”, o autor se refere às manifestações do poder do Reino de Deus, como milagres e sinais. No entanto, até mesmo pessoas não regeneradas podem ter contato com essas realidades. Judas, por exemplo, foi enviado junto

com os demais discípulos e recebeu autoridade para operar milagres (Mateus 10:1), participando dessas manifestações sem nunca ter sido salvo.

Dessa forma, todas essas expressões descrevem experiências reais, porém não necessariamente regeneradoras. Elas apontam para alguém que esteve muito próximo das coisas de Deus, que experimentou aspectos do Reino e da atuação do Espírito, mas que nunca foi verdadeiramente transformado. Assim, o texto de Hebreus 6:4-5 não ensina a perda da salvação, mas serve como um solene alerta sobre o perigo de rejeitar a verdade após ter tido contato profundo com ela.

“Pois a terra que absorve a chuva...”

Como ocorre em todos os textos que, à primeira vista, parecem ensinar a perda da salvação, o próprio autor de Hebreus esclarece a razão pela qual pessoas que foram iluminadas e participaram das coisas de Deus acabam caindo em apostasia. Ele mostra que o problema não está em uma salvação que se perde, mas na natureza dessas experiências, que, embora reais, não eram fruto de uma transformação genuína do coração.

O texto de Hebreus 6:7-8 diz:

“Pois a terra que absorve a chuva, que cai freqüentemente e dá colheita proveitosa àqueles que a cultivam, recebe a bênção de Deus.

Mas a terra que produz espinhos e ervas daninhas, é inútil e logo será amaldiçoada. Seu fim é ser queimada”.

Há uma conexão clara entre Hebreus 6:7-8 e a parábola do semeador, especialmente na forma como ambos utilizam a “terra” como figura do coração humano e da resposta à Palavra de Deus.

Em Hebreus, o autor descreve dois tipos de terra que recebem a mesma chuva. A primeira produz fruto útil e, por isso, recebe bênção. A segunda, embora também receba a mesma chuva com frequência, produz apenas espinhos e ervas daninhas, sendo considerada inútil e destinada ao juízo. O ponto central não é a quantidade de chuva recebida, mas o resultado produzido.

Isso se harmoniza diretamente com o ensino de Jesus na parábola do semeador, onde diferentes tipos de solo representam diferentes respostas do coração humano à Palavra. Há aqueles que ouvem, até recebem com alegria, mas não produzem fruto duradouro. Apenas a boa terra — o coração verdadeiramente transformado — produz fruto perseverante.

A conexão, portanto, é bastante significativa: em ambos os textos, o problema não está na semente (a Palavra) nem na chuva (as bênçãos e influências espirituais), mas na natureza da terra (o coração). Em Hebreus 6, assim como na parábola, vemos pessoas que foram expostas repetidamente às realidades espirituais — ouviram, experimentaram, conviveram no ambiente da fé —, mas nunca produziram fruto verdadeiro.

Dessa forma, o texto não está ensinando a perda da salvação, mas distinguindo entre dois tipos de pessoas dentro do mesmo ambiente: aqueles que realmente pertencem a Deus e frutificam, e aqueles que apenas recebem influências externas, mas permanecem infrutíferos. Estes últimos, embora próximos das coisas de Deus, demonstram por fim que nunca foram verdadeiramente regenerados, e por isso acabam sendo rejeitados.

O autor de Hebreus se volta para seus leitores

Depois de tratar da apostasia — daqueles que foram iluminados e ainda assim caíram na apostasia — o autor de Hebreus faz uma distinção importante. Ele deixa claro que tais características não correspondem à verdadeira salvação nem àqueles que são, de fato, salvos. Por isso, ele afirma:

“Amados, mesmo falando dessa forma, estamos convictos de coisas melhores em relação a vocês, coisas próprias da salvação”.

- Hebreus 6:9

- 6 -

“Se continuarmos a pecar deliberadamente...”

“Se continuarmos a pecar deliberadamente depois que recebemos o conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados, mas tão-somente uma terrível expectativa de juízo e de fogo intenso que consumirá os inimigos de Deus.

Quem rejeitava a lei de Moisés morria sem misericórdia pelo depoimento de duas ou três testemunhas.

Quão mais severo castigo, julgam vocês, merece aquele que pisou aos pés o Filho de Deus, que profanou o sangue da aliança pelo qual ele foi santificado, e insultou o Espírito da graça?

Pois conhecemos aquele que disse: "A mim pertence a vingança; eu retribuirei"; e outra vez: "O Senhor julgará o seu povo".

Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!”

- Hebreus 10:26-31

Muitos recorrem a esses versículos para sustentar a ideia de que um cristão verdadeiro pode abandonar a fé e, conseqüentemente, perder a salvação. Em alguns casos, o texto chega a ser usado como instrumento de medo, como se a vida cristã estivesse constantemente à beira de uma condenação irreversível. No entanto, o que está em foco aqui é, mais uma vez, a questão da apostasia — tema já

abordado anteriormente em Hebreus 6:4-6 — e não a perda da salvação de alguém que foi verdadeiramente regenerado.

O autor de Hebreus descreve uma situação extremamente séria: a de alguém que, tendo recebido pleno conhecimento da verdade, decide rejeitá-la de forma consciente e deliberada, permanecendo no pecado. Nesse caso, ele afirma que já não resta sacrifício pelos pecados, mas apenas uma expectativa de juízo. Isso não significa que o sacrifício de Cristo perdeu sua eficácia, mas que foi desprezado. Ou seja, a pessoa não está sem solução porque pecou demais, mas porque rejeitou a única solução disponível.

Para entender melhor, é importante lembrar o paralelo com o Antigo Testamento. Na Lei de Moisés, havia pecados que podiam ser tratados por meio de sacrifícios, mas existia também o pecado cometido de forma deliberada e arrogante — uma rejeição consciente da autoridade de Deus (Números 15:30-31). Nesses casos, não havia provisão sacrificial; a pessoa era eliminada do meio do povo. O problema, portanto, não era a gravidade do ato em si, mas a atitude de desprezo pela revelação de Deus.

Esse princípio continua válido no Novo Testamento. Não existe pecado tão profundo ou degradante que não possa ser perdoado mediante arrependimento e fé em Cristo. Alguém pode ter vivido nos piores caminhos, ter caído nas situações mais extremas, e ainda assim encontrar perdão. A obra de Cristo é suficiente para alcançar qualquer pecador.

O que, de fato, condena o homem não é a quantidade de seus pecados, mas a rejeição de Cristo. Como o próprio Jesus ensinou, o Espírito Santo convence o mundo do pecado “porque não creem em mim” (João 16:8-9). A incredulidade é a raiz da condenação, pois rejeita o único meio de salvação. Nesse sentido, não crer em Cristo é tratar Deus como mentiroso, como afirma a Escritura.

Portanto, o pecado mais grave não é um ato isolado de fraqueza, mas a recusa persistente em confiar em Jesus. É isso que está por trás da chamada blasfêmia contra o Espírito Santo: uma rejeição consciente, endurecida e contínua da verdade. Assim, o texto de Hebreus não ensina que um salvo pode perder a salvação, mas alerta sobre o perigo real de se aproximar da verdade, conhecê-la profundamente e, ainda assim, rejeitá-la de forma definitiva.

Quando alguém alcança pleno conhecimento da verdade e, ainda assim, decide abandoná-la para voltar deliberadamente ao pecado, o problema não está em uma suposta perda de salvação, mas em algo muito mais profundo: a rejeição consciente de Cristo. Nesse caso, já não há sacrifício pelos pecados, não porque o sacrifício de Jesus seja insuficiente, mas porque foi desprezado. Trata-se do pecado da incredulidade manifestado em sua forma mais grave — a apostasia. É uma renúncia deliberada e endurecida da única fonte de salvação.

Pense em alguém que, por anos, esteve inserido em um ambiente onde a Palavra de Deus é fielmente ensinada. Essa pessoa ouviu, aprendeu, foi confrontada, exortada inúmeras vezes, mas escolheu resistir. Em vez de se quebrantar, endureceu o coração. A Escritura já adverte sobre esse tipo de postura:

“Quem é repreendido muitas vezes e teima em não se corrigir cairá de repente na desgraça e não poderá escapar”.

— Provérbios 29:1

A insistência em rejeitar a verdade vai formando um coração insensível. Chega um ponto em que a pessoa se entrega de tal maneira ao erro que se torna presa dele. É nesse processo que se consolida a apostasia: não como uma queda repentina de um verdadeiro salvo, mas como o resultado de uma resistência contínua à verdade.

Seguindo o raciocínio do texto, Hebreus 10:29 levanta uma questão séria ao falar daquele que “pisa o Filho de Deus” e considera comum o sangue da aliança “com que foi santificado”. Muitos usam essa expressão para argumentar que se trata de alguém genuinamente salvo que perdeu sua salvação. No entanto, essa conclusão não é necessária. A Bíblia mostra que há um tipo de “santificação” que não é interna e regeneradora, mas externa e relacional.

Um exemplo claro disso está em:

“Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa...”.

— 1ª Coríntios 7:14

Nesse caso, o incrédulo é “santificado” não porque foi salvo, mas porque está em contato com alguém que pertence a Deus. Trata-se de uma santificação por associação, por proximidade. O mesmo princípio pode ser aplicado aqui: alguém inserido na comunidade cristã, convivendo com o povo de Deus, participando da vida da Igreja, acaba sendo, de certa forma, separado, influenciado, moldado externamente — sem, contudo, ter sido transformado interiormente.

Isso explica por que há pessoas que se parecem com verdadeiros cristãos. Vivem uma vida religiosa, adotam certos padrões, falam como crentes, mas nunca nasceram de novo. São como o joio no meio do trigo: externamente semelhantes, mas essencialmente diferentes. Essa aparência pode enganar por um tempo, mas acaba sendo revelada.

Outro argumento frequentemente usado está em Hebreus 10:30-31, onde se afirma que “o Senhor julgará o seu povo”. Alguns entendem que isso prova que o apóstata era, de fato, salvo. No entanto, o texto pode ser compreendido à luz do princípio de que o juízo começa pela casa de Deus, como ensina 1ª Pedro 4:17. Estar entre o povo de Deus não é o mesmo que pertencer verdadeiramente a Ele. O

apóstata fazia parte da comunidade visível, mas isso não garante que era regenerado.

Por fim, o próprio autor de Hebreus faz uma distinção decisiva:

“...o meu justo viverá pela fé; e, se retroceder, nele não se compraz a minha alma. Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição, mas dos que creem para a conservação da alma”.

— Hebreus 10:38-39

Aqui está o ponto-chave: há dois grupos. Os que retrocedem demonstram que caminham para a perdição. Já os que são verdadeiramente de Deus perseveram na fé até o fim. A perseverança não é o meio de manter a salvação, mas a evidência de que ela é real.

- 7 -

“...a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”

“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor”.

- Hebreus 12:14

Essa santificação apresentada no texto parece ser indispensável, pois está diretamente ligada à possibilidade de ver o Senhor. No entanto, é importante compreender que não se trata de uma exigência externa isolada, mas de uma realidade que acompanha naturalmente a vida daquele que é salvo. O verdadeiro crente não busca a santificação como um meio de garantir a salvação, mas como resultado de uma esperança viva em Cristo.

A própria Escritura mostra que quem aguarda o encontro com o Senhor vive em constante processo de purificação:

“...quando Cristo aparecer, ficaremos parecidos com ele, pois o veremos como ele realmente é.

E todo aquele que tem essa esperança em Cristo purifica-se a si mesmo, assim como Cristo é puro”.

— 1ª João 3:2-3

Ou seja, a santificação é fruto de uma expectativa real e transformadora. Não é algo forçado, mas uma consequência inevitável de quem pertence a Cristo. Quem não segue essa santificação não é salvo. Isto denuncia claramente que não existe possibilidade de perda da salvação por parte do crente verdadeiro. O apóstolo João reforça essa verdade ao afirmar:

“Assim, quem vive unido com Cristo não continua pecando. Porém quem continua pecando nunca o viu e nunca o conheceu”.

— 1ª João 3:6

Isso deixa claro que a prática contínua do pecado revela a ausência de um relacionamento genuíno com Cristo. Portanto, a santificação não é a causa da salvação, mas sua evidência. Quem é verdadeiramente salvo vive em santificação, não para se tornar filho de Deus, mas porque já é.

A santidade exigida para que alguém veja o Senhor não é algo que o homem conquista por esforço próprio. Não se trata de um nível espiritual alcançado por disciplina ou dedicação pessoal, mas de uma realidade que procede do próprio Deus. Essa santificação não é produzida pelo ser humano — ela é concedida em Cristo.

A Escritura deixa claro que tudo o que é necessário para a salvação já foi plenamente provido por Deus na pessoa de Jesus. Não apenas o perdão, mas também a justiça e a própria santificação fazem parte dessa obra completa:

“Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”.

— 1ª Coríntios 1:30

Além disso, o sacrifício de Cristo não é parcial nem provisório. Ele não inicia um processo incerto, mas garante um resultado definitivo:

“Assim, com um único sacrifício, aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados”.

— Hebreus 10:14

Diante disso, fica evidente que a santificação necessária para a salvação já foi concedida em Cristo. Ela não é algo a ser alcançado, mas algo a ser recebido. Quem está em Cristo participa dessa realidade; quem ainda não está, permanece sem ela. Portanto, a diferença não está no grau de esforço humano, mas na união ou não com Cristo.

- 8 -

Para que tantos textos com exortações,
se a salvação não se perde?

Eis alguns textos do Novo Testamento que exortam à vigilância e perseverança:

“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca”.

— Mateus 26:41

“Portanto, aquele que pensa estar em pé, veja que não caia”.

— 1ª Coríntios 10:12

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar”.

— 1ª Pedro 5:8

“Acautelai-vos, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo”.

— Marcos 13:33

O fato de existirem tantas exortações nas Escrituras pode, à primeira vista, dar a impressão de que a salvação está em risco constante, como se pudesse ser perdida a qualquer momento. Surge então a pergunta: se a salvação é garantida, por que tantos alertas?

A resposta não está na possibilidade de perda, mas no propósito dessas exortações. Elas não foram dadas para gerar insegurança, e sim para promover a perseverança. Deus utiliza esses avisos como meios eficazes para manter o crente vigilante, atento e firme na caminhada.

Podemos comparar isso a um motorista em uma estrada. As placas que alertam sobre curvas perigosas, limites de velocidade ou trechos de risco não existem porque o motorista inevitavelmente sofrerá um acidente, mas justamente para evitar que isso aconteça. Esses avisos mantêm o condutor atento, corrigem distrações e contribuem para que ele chegue com segurança ao seu destino.

Da mesma forma, as exortações bíblicas funcionam como sinais ao longo do caminho da fé. Elas despertam, corrigem, encorajam e mantêm o cristão em constante vigilância. O apóstolo Paulo expressa isso ao dizer:

“Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor”.

— Filipenses 2:12

Esse “desenvolver” não significa conquistar ou manter a salvação por esforço próprio, mas viver de maneira consciente e responsável à luz daquilo que já foi recebido. É uma postura de reverência, dependência e vigilância diante de Deus.

Assim, todas essas exortações atuam como instrumentos divinos para produzir perseverança, renovação, arrependimento e crescimento espiritual. Elas não enfraquecem a segurança da salvação, mas são justamente os meios pelos quais Deus garante que o crente chegue firme até o fim.

- Conclusão -

O foco não é a perda da salvação,
mas a certeza da salvação hoje

Ficou evidente neste e-book que os textos bíblicos frequentemente usados para defender a perda da salvação, na verdade, descrevem pessoas que nunca foram verdadeiramente cristãs. A própria Escritura as identifica com termos contundentes, como “cão”, “porca lavada”, “joio”, “falsos profetas” e “falsos mestres”. Esses rótulos não apontam para crentes genuínos que se perderam, mas para indivíduos que apenas aparentavam fé. Em nenhum momento encontramos um Deus que salva para depois perder; afinal, Cristo é Salvador — não alguém que falha em sua obra redentora.

Portanto, é irônico que textos que parecem provar a perda da salvação venham, na verdade, provar o contrário.

Por outro lado, embora um certo temor quanto à possibilidade de se perder possa parecer saudável à primeira vista, mais importante do que isso é possuir, hoje, a certeza da salvação. É essa convicção, concedida por Deus, que sustenta o crente na perseverança até o fim. Recordo-me de um pastor que, ao ser tomado por profundo medo de um dia abandonar a Cristo, buscou a Deus em oração e foi consolado de tal forma que nunca mais viveu sob esse temor. Assim, se houver dúvidas, o caminho não é o desespero, mas a oração constante.

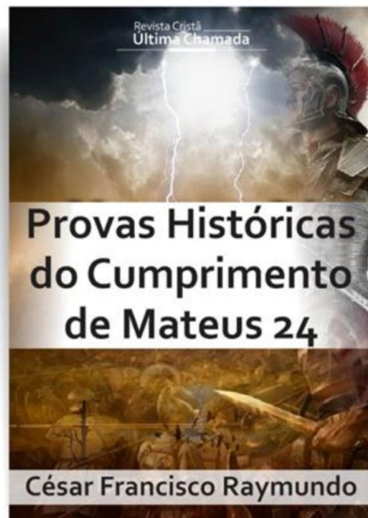
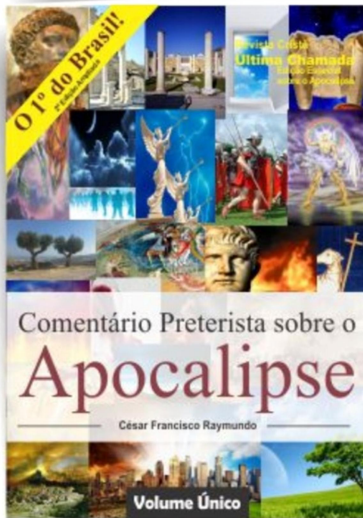
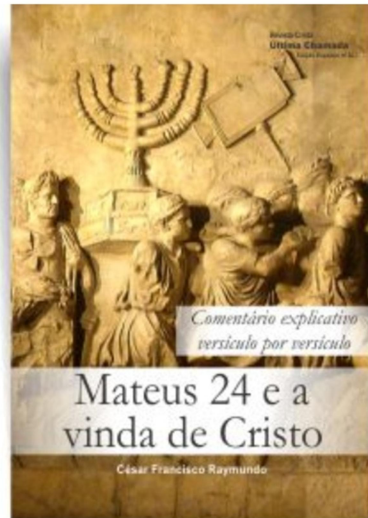
Se estas palavras despertam algum desconforto, dúvida ou temor, isso não deve ser visto como um sinal de condenação, mas como evidência de sensibilidade espiritual. Pois aqueles que estão completamente endurecidos, “os que perecem, porque rejeitaram o amor da verdade para serem salvos” (2ª Tessalonicenses 2:10-12), não demonstram qualquer inquietação quanto à sua condição diante de Deus.

Por fim, aqueles que não são salvos, mesmo estando no meio do povo de Deus, são os que vivem na duplicidade (Salmo 119:113) e os que creram em vão (1ª Coríntios 15:1-2). É por isso que as exortações bíblicas não se destinam apenas aos verdadeiros crentes, mas também àqueles que, sendo joio no meio do trigo, precisam ser confrontados com a verdade.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?